

## JOVENS PARA SEMPRE?

### Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida

*Ann Nilsen*

Resumo Neste artigo toma-se o conceito de individualização, tal como é referido nas perspectivas teóricas de autores como Ulrich Beck, Anthony Giddens e Michael Mitterauer, como ponto de partida para a interpretação de entrevistas de grupo focalizadas realizadas a jovens noruegueses. As opiniões destes jovens acerca da sua vida futura, numa fase dos seus trajectos de vida em que assumam obrigações e responsabilidades características da idade adulta, são aqui exploradas de modo a contribuir para a problematização dos diferentes aspectos envolvidos na análise do conceito de individualização.

Palavras-chave juventude; trabalho; família; individualização.

A ideia de que o trajecto de vida é um conjunto de discretas etapas sequenciais, definidas de acordo com a idade, é central no modo como tradicionalmente se tem problematizado o conceito de juventude. Os desenvolvimentos mais recentes da teorização sociológica vieram desafiar este padrão de pensamento, especialmente através da introdução do conceito de “individualização”, tal como este é utilizado no trabalho de importantes pensadores como Ulrich Beck (1992, 1994) e Anthony Giddens (1991, 1994). Porém, a noção de individualização não é nova na sociologia (Kumar, 1995; Cetina, 1997). Noutros campos desta disciplina, mais explicitamente relacionados com a História, este conceito tem surgido na discussão de uma série de questões que, embora diferentes, se relacionam, tais como as referidas por Mitterauer (1992). Na sua obra, este conceito é problematizado na forma mais tradicional de o abordar, em relação com o desenvolvimento histórico da juventude como uma fase distinta do trajecto de vida nas sociedades ocidentais, que tem a ver com o processo de ruptura do indivíduo com a família de origem e com a rede de parentesco, fazendo assim parte do processo global que demarca a juventude como um estádio específico da vida. A comparação com as conceptualizações que Beck faz desta noção revela-se, assim, de algum interesse do ponto de vista do trajecto de vida, uma vez que no trabalho deste autor também existem referências claras à ruptura com as noções habituais de relações familiares.

Neste artigo, estas duas linhas de discussão do conceito de individualização serão reunidas e adoptadas como ponto de partida para a interpretação das entrevistas de grupo focalizadas (*focus group*) realizadas com jovens noruegueses de 18-25 anos. O objectivo desta análise não é o de testar hipóteses, mas sim explorar de que forma o debate de ideias nestas entrevistas pode contribuir para a problematização dos diferentes aspectos envolvidos na análise do conceito de

individualização. As opiniões dos jovens acerca da sua vida futura, quando assumirem obrigações próprias da idade adulta, são aqui de particular interesse.

Começa-se por abordar algumas das dimensões do debate teórico sobre a individualização.

### **A ideia de individualização e as fases do trajecto de vida**

Assiste-se actualmente a um debate de natureza teórica sobre a hipótese de se estar a verificar uma maior "individualização" nas sociedades ocidentais (Beck, 1992, 1994; Giddens, 1991, 1994; Beck e Beck-Gernsheim, 1995). Uma definição de individualização assinala "...primeiro, a desagregação e posteriormente a substituição dos modos de vida da sociedade industrial por outros novos, nos quais o indivíduo tem de produzir, ensaiar e agregar por si próprio a sua biografia" (Beck, 1994: 13). Uma outra clarificação do termo é-nos dada por Beck, ao dizer que "... a individualização não se baseia na livre escolha dos indivíduos. Para usar a terminologia de Sartre, as pessoas estão condenadas à individualização, esta é uma compulsão, mas uma compulsão para a manufactura, construção e ensaio não só da própria biografia, mas também dos seus compromissos e redes enquanto preferências e mudança de fases de vida, mas, é claro, de acordo com as condições gerais e modelos do Estado-providência, tais como o sistema educativo (aquisição de diplomas), o mercado de trabalho, as leis laborais e sociais, o mercado de habitação, etc." (*op. cit.*: 15).

Numa obra que dá um passo em frente na discussão sobre a teoria da individualização, Beck afirma que no mundo ocidental as pessoas se confrontam actualmente com a tensão existente entre, por um lado, as exigências do mercado de emprego, que deseja a mobilidade dos trabalhadores, a flexibilidade e o empenho na carreira, e as exigências da esfera doméstica, que pretende uma vida familiar feliz, por outro (Beck e Beck-Gernsheim, 1995). Algumas das principais razões por detrás de tal tensão relacionam-se com a mudança das relações entre homens e mulheres e a crescente participação destas na força de trabalho. Na perspectiva de Beck, isto torna-se problemático porque as famílias vivem o problema de ambos os progenitores serem confrontados com as exigências que a sua profissão lhes coloca, bem como com as que decorrem do facto de serem pais e cônjuges. Para acrescentar a tudo isto, existe uma grande idealização do amor e daquilo que se espera de um relacionamento romântico. Este autor considera a elevada taxa de divórcios e os novos modelos de conjugalidade indicadores desta realidade.

A individualização é também discutida por Mitterauer, mas num plano teórico diferente, que procura entender os processos históricos conducentes a que se considerasse a juventude isoladamente como uma fase distinta do trajecto de vida. O desenvolvimento socioeconómico que leva os jovens, e especialmente os homens, a afastarem-se das suas famílias de origem para receberem formação e/ou se empregarem está relacionado com este processo de individualização. "A grande mobilidade dos jovens na ancestral sociedade europeia contribuiu certamente para

um sentido de individualidade e independência que se desenvolveu no decorrer da sua juventude” (Mitterauer, 1992: 23). A compreensão da individualização como um processo social é associada por este autor ao desenvolvimento histórico de um indivíduo independente e autónomo desligado dos laços tradicionais da família de origem. O desenvolvimento de um tipo distinto de identidade pessoal (*self identity*) relaciona-se também com este facto (*ibid.*). Nesta argumentação, Mitterauer cita Habermas (1976), que estabeleceu uma distinção entre “identidade de grupo” (*group identity*) e “identidade pessoal”, ambos os conceitos “correspondendo, em certa medida, a uma personalidade que assume uma posição tradicional e outra que se enraíza em si própria” (Mitterauer, 1992: 25). A última “caracteriza-se por um afastamento consciente em relação às normas de comportamento interiorizadas e sua aplicação reflexiva” (*ibid.*: 24), enquanto a primeira se relaciona com o comportamento resultante das expectativas e relativamente aos papéis sem o necessário “afastamento do papel” e reflexividade ligados à última.<sup>1</sup> O desenvolvimento da identidade individual é visto na psicologia contemporânea como “um objectivo da formação da personalidade” (*ibid.*: 23).

A individualização enquanto processo é, deste modo, objecto de diferentes definições e sentidos nas várias teorias sociais, sendo também descrita como tendo diferentes consequências. Enquanto Mitterauer aborda a problemática da juventude, numa discussão histórica de longo prazo, como uma fase particular da vida, Beck considera-a do ponto de vista de um processo, no âmbito do tecido institucional das sociedades ocidentais contemporâneas que afecta todos os indivíduos *ao longo de todo o trajecto de vida*, levando a uma maior variedade face à biografia-padrão (Beck, 1992: 127-137). A argumentação de Mitterauer considera cuidadosamente as distinções de classe e género e descreve as diferenças entre estas categorias em relação com o modo como vários grupos de pessoas estão a ser afectadas pelo processo de individualização ao longo do tempo (*ibid.*: 27-29), ao passo que a perspectiva de Beck é mais genérica, mas também nela os laços familiares, ou melhor, as alterações por estes sofridas, são uma questão central.

A forma familiar de que Beck se ocupa é a da família de orientação, a família estabelecida através do casamento ou de outras formas de união conjugal. As mudanças no relacionamento entre os géneros, a maior autonomia e independência das mulheres, incluem-se num conjunto de outras mudanças ocorridas na sociedade. Enquanto a emancipação em relação à família de origem era importante como pré-requisito da individualização para a formação de personalidades adultas autónomas e independentes designadas por “indivíduos”, de acordo com o pensamento das sociedades ocidentais, o desaparecimento da ideia do casamento para toda a vida torna-se importante para levar a individualização enquanto conceito a aproximar-se do significado que Beck lhe atribui. As implicações daqui resultantes são as de que não só as sequências-padrão dos trajectos de vida, logo, a “biografia normal”, se tornam conceitos obsoletos, como também acabam necessariamente por influenciar as relações entre gerações. Quando a distinção entre as diferentes fases do trajecto de vida se torna pouco nítida por as noções predominantes das categorias de

transição já não serem válidas, pode esperar-se que isto afecte as percepções e conceptualizações tanto da juventude, como da idade adulta.

Os temas da mobilidade e da comunicação são proeminentes na argumentação de Mitterauer. Um pré-requisito necessário para a individualização enquanto processo social consiste na exposição do indivíduo a formas alternativas de pensar e agir. Outrora, essa exposição implicava viajar, mobilidade geográfica, mas actualmente a tecnologia da comunicação torna isso menos necessário na medida em que lugares e culturas estrangeiros podem ser observados, se não mesmo vividos, através do cinema e da televisão (*ibid.*).<sup>2</sup> A noção de mobilidade está também presente na perspectiva de Beck, mas no sentido de movimentações entre vários parceiros e empregos ao longo do trajecto de vida. Em ambas as perspectivas salienta-se o desenvolvimento geral da sociedade como o pano de fundo relativamente ao qual a questão da mobilidade importa ser compreendida.

As mudanças sociais e demográficas, associadas à industrialização das sociedades ocidentais, criaram a necessidade, ou forçaram inclusivamente as pessoas a terem mais mobilidade nalgumas fases das suas vidas do que a que ocorrera nas sociedades agrárias da Idade Média (Kumar, 1995). O desenvolvimento do mundo contemporâneo ocidental "desindustrializado" liga o tema da mobilidade a aspectos e segmentos do trajecto de vida mais amplos do que anteriormente. Como instituições sociais, o sistema educativo e o mercado de trabalho, particularmente evidenciados por Beck, exigem flexibilidade aos trabalhadores, sendo as forças destas mudanças a nível institucional também muito importantes para compreender o modo como o autor desenvolve esta noção. A mobilidade, forçada ou voluntária, é, portanto, central em ambas as conceptualizações de individualização, mas o tema é, porém, desenvolvido de maneira diferente pelos dois autores no que respeita ao conjunto do trajecto de vida.

Enquanto Beck salienta o longo processo de escolhas e decisões envolvidas no processo social de individualização, Mitterauer observa que "a relativamente recente competência dos jovens para tomarem de modo independente decisões importantes na vida mantêm-se em conflito com a sua prolongada subordinação relativamente aos pais e aos professores" (*ibid.*). Este último autor duvida também de uma noção estática de idade adulta, uma vez que "se a formação da personalidade continua ao longo de todos os estádios da vida, a fronteira traçada entre a adolescência e a idade adulta torna-se muito pouco nítida" (*ibid.*: 31). As conclusões destes dois autores são semelhantes: há muito mais lugar para a flexibilidade nos trajectos de vida na sociedade contemporânea do que jamais houve. Porém, as implicações que daqui retiram são bastante diferentes: Beck retrata uma sociedade individualizada em que as pessoas fazem escolhas e tomam decisões compulsivamente ao longo do seu trajecto de vida; Mitterauer preocupa-se com a noção de juventude, salientando a sociedade como um conjunto de instituições que criam tensões entre a autonomia e a independência a um nível interpessoal, por um lado, e um prolongamento da dependência socioeconómica, decorrente de um maior período de escolaridade e formação exigido nas sociedades ocidentais contemporâneas, por outro.

## Noções de idade adulta e relações intergeracionais

Qualquer que seja a tese da individualização considerada, as noções de transição da juventude para a idade adulta são diversificadas e salientam aspectos diferentes, dependendo da área disciplinar e do enfoque dado ao problema a ser investigado. Existe, contudo, um consenso de que o processo de passagem para a idade adulta se modificou consideravelmente na maioria das classes sociais nos países europeus ocidentais ao longo deste século (Mitterauer, 1992; Hobsbawm, 1994; Irwin, 1995). Em grande parte dos estudos, os temas mencionados como importantes para a transição para a idade adulta incluem a independência económica relativamente à família de origem, casar ou estabelecer uma união conjugal similar, ter filhos e encontrar o seu próprio lugar para viver (Stafseng, 1995). Os temas da transição aqui referidos baseiam-se numa espécie de “trajecto de vida-padrão”, posto actualmente em causa nas sociedades ocidentais pelo mesmo processo de individualização considerado por Beck. Buchmann (1989), seguindo a mesma linha de pensamento, conclui que as mudanças estruturais e culturais das últimas décadas “têm tornado a juventude um estádio da vida cada vez mais obsoleto, ao mesmo tempo que o têm prolongado indefinidamente” (Buchmann, 1989: 188). Este argumento baseia-se em factos tais como o aumento dos tempos passados a estudar, e passados dentro e fora do sistema educativo, à medida que aumentam as exigências do mercado de trabalho em termos de actualização contínua de competências. Um aspecto que ainda não foi completamente aprofundado nesta reflexão diz respeito à dependência económica que o prolongamento da juventude implica. Mesmo que todos os grupos etários se movimentem para dentro e para fora do sistema educativo, fazem-no por razões diferentes e a partir de diferentes vivências. Na Noruega, os pais são económica e socialmente responsáveis pelos filhos até à idade de 18 anos, e até essa altura qualquer benefício do sistema de segurança social depende do rendimento e da situação dos pais. Mitterauer faz disto um aspecto importante da sua análise e considera a existência de um conflito entre a dependência criada institucionalmente, por um lado, e os ideais de independência associados à juventude, por outro.

Se o desenvolvimento social aqui apresentado pode ser mais bem entendido como processo de individualização, tal como Beck usa este conceito, é uma questão em aberto. Juntamente com as teses da individualização surgem as noções de escolhas e decisões, em substituição de velhas normas e aspectos da vida dados como adquiridos. A transformação das *representações* dos jovens sobre a *idade adulta* é, portanto, uma problemática interessante de analisar, sendo curioso verificar se a própria ideia de etapas do trajecto de vida como conjunto de fases discretas e sequenciais se está a modificar nas mentes dos jovens. Para além disso, é também relevante explorar a forma como as diferenças de género, origem social e escolaridade afectam as discussões que os jovens fazem acerca destes temas.

Na Noruega, a fase da juventude, no sentido de se ser parcial ou completamente dependente da família de origem do ponto de vista económico, enquanto ainda se está a estudar ou em formação, era, pelo menos para as classes trabalhadoras, um período muito curto nos anos 50 e princípio dos anos 60 (Stafseng, 1995),

vindo a aumentar à medida que a democratização do acesso à educação se processou a partir do final dos anos 60, princípio dos anos 70. A afirmação de que a fase da juventude se expandiu — quer para idades antes consideradas como fazendo parte da infância, com autonomia em algumas áreas de consumo (Brannen e O'Brien, 1995), quer para grupos etários anteriormente considerados como pertencentes à idade adulta — parece ter alguma razão de ser. Partindo das características estruturais da Noruega como ponto de referência, o número de anos de escolaridade obrigatória tem aumentado ao longo das últimas duas décadas, e hoje, praticamente todas as pessoas com 18-20 anos ainda estão a estudar, seja no ensino pré-universitário (níveis A), seja em cursos de formação em áreas vocacionais.<sup>3</sup>

As várias questões sobre a individualização que aqui foram abordadas no plano teórico serão seguidamente analisadas ao falarmos das representações dos jovens acerca da fase da vida em que se encontram, em comparação com pontos de vista e expectativas que têm sobre a vida em geral. Os dados foram recolhidos através de entrevistas de grupo focalizadas (*focus group*) realizadas com jovens entre os 18 e os 25 anos.

Nesta perspectiva, a primeira questão que pode ser abordada diz respeito às ideias que os jovens fazem acerca das suas vidas por comparação com os pais, e se eles pensam que vão ter uma vida semelhante à destes. Eis o que foi discutido num grupo de estudantes universitários, oriundos da classe média, constituído por cinco jovens de 20-25 anos, sendo quatro raparigas:

[E] Pensam que as vossas vidas virão a ser parecidas com as dos vossos pais, com o que vêem na geração anterior?

[A] Penso que haverá uma grande diferença, embora não seja para mim e a minha vida venha a ser de facto bastante semelhante, mas os meus filhos terão uma infância completamente diferente da minha.

[E] Então vêem as diferenças desse modo, no futuro e não no passado?

[C] Eu penso frequentemente que a geração dos meus pais baseava-se muito no dinheiro, e grandes casas ... e isso tudo ... Eu não vou ter uma grande casa como os meus pais. Não vou esforçar-me como eles, com empréstimos e dois carros e isso tudo ... quatro televisões, nove telefones e isso. Eu quero uma casa pequena e poder viajar bastante... não quero dever nada a ninguém ... essa era uma atitude dos anos 80.

[F] E estou a pensar no casamento e isso... há muitas pessoas na geração dos nossos pais que se casaram porque era mais prático na altura casar. Então podiam viver juntos e ... era muito simples, mas agora, bem, tem de ser ... tem de ser o grande...

[A] Continua a ser mais prático casar, não é? Eu acho que as pessoas acabam por casar...

[F] Eu não sei se vou chegar a casar.

[Risos]

[A] Eu estava a dizer, isso... sim, antes sim, depois comecei a pensar que é algo que nunca farei. Não percebo qual é o interesse... não que eu ache que seja algo sinistro... mas espero vir a fazê-lo... quero dizer, se a alternativa for ter um companheiro, então caso-me.

A discussão que tiveram revela, por um lado, a forma como não aprovam alguns dos valores e estilo de vida dos pais. Quando “C” comenta que não deseja o tipo de vida materialista a que julga que a geração dos pais está presa, expressa ao mesmo tempo o desejo de um estilo de vida menos “acomodado” e prevê para si uma vida adulta diferente. Por outro lado, este grupo está bastante consciente das mudanças ocorridas na sociedade e apercebe-se de que as consequências destas mudanças sobre as suas vidas futuras torna difícil fazer comparações entre gerações.

Um grupo de alunos do sexo masculino em cursos profissionais aborda esta questão de um ângulo diferente. O grupo é constituído por sete rapazes com 18-19 anos.<sup>4</sup>

[E] Acham que terão uma vida muito diferente da dos vossos pais?

— Sim, claro.

[E] Porquê?

— Os tempos mudam.

— Eles não tinham tantos estudos como nós.

— Isso foi algo que mudou recentemente.

— Quando o meu pai tinha 40... Eu penso que ele casou com 20 ou 23 anos e nessa altura já tinham a sua própria casa e um emprego nas Forças Armadas à noite... ou durante o dia. E depois montou um negócio de electrónica à noite, e ganhavam...

— Eles conseguiram safar-se sem ter montes de estudos.

— Dantes quase não era preciso estudos, nesse tempo conseguia-se um emprego, podia não ser muito bom, nem nada, mas pelo menos tinha-se um emprego.

— Ainda é mais ou menos assim hoje em dia. Pode-se ter um emprego sem estudos.

— Sim, mas não o emprego que se quer, pois não, apenas se arranja um emprego e mais nada.

— Dantes, quando o meu pai andou na escola, também tirou electrónica, nessa altura havia um curso de um ano, não era de três. Era um ano, um curso chamado electrónica. Se se acabasse o ano ficava-se qualificado. Mas hoje isso não chega. Temos de ter vários cursos se quisermos estar a par do que se passa no mundo. Por isso, uma pessoa está praticamente sempre a estudar.

Este jovens, provenientes de classes trabalhadoras, salientaram as diferenças entre eles e os pais no que respeita ao nível de estudos necessários para se ter um emprego. O género e a origem podem ser aspectos a levar em conta na análise das diferenças entre os dois grupos citados. Enquanto no primeirp, os pais tinham estudos de nível superior, aqui não têm, e também os pais das seis raparigas do seguinte excerto não possuem cursos superiores. Trata-se de jovens que estão a receber formação numa área procurada predominantemente pelo sexo feminino também com 18-19 anos.

[C] Eu nunca serei como a minha mãe. Vou viajar bastante. Gostaria muito de conhecer o mundo, que é algo que a minha mãe ia achar “oh, não, nem pensar, não

se pode fazer isto, nem isto, nem aquilo”, não se pode ser livre, certo? Eu quero ter liberdade para fazer as coisas. E não... não vou ser como a minha mãe. Quero ter uma ótima relação com ela, espero, nós discutimos bastante, mas está a ficar melhor. Ela veio da província, e aí espera-se, já se sabe, encontrar um marido, ter um filho, depois a vida acabou, certo? ... bem, não acabou propriamente, mas é assim que a vida é lá...

[A] Não acho que a minha vida vá ser como a dos meus pais. A minha mãe, quero dizer, os meus pais, temos uma boa relação e.... Mas temos interesse diferentes e diferentes gostos... é tudo diferente...

[M] Nunca pensei se irei ter o mesmo tipo de vida dos meus pais quando tiver 40... Espero não ter!

[E] Porque não? O que há de tão terrível aos 40 anos?

[M] Acho que parece ser um pouco aborrecida, do tipo uma vida chata...

[A] Sim, chegar a casa, jantar e ...

[B] É como se se fizesse as mesmas coisas todos os dias porque tem de ser. Precisamos de trabalhar porque se tem de fazer aquilo. Para mim, é bastante evidente que o meu pai não suporta o emprego. Ao mesmo tempo tem de continuar, não é? Quando eu tiver a idade deles gostaria de sair de vez em quando, divertir-me, não ficar só em casa... manter o contacto com os amigos e ter tempo para os ver e divertir-me, sair à noite também é bom mesmo quando se tem 40!

[F] Sim, mas talvez sejamos tão novas que pensamos de uma maneira diferente do que quando formos mais velhas. (...) Será que depois vamos acabar por ser como eles?

[B] ... normalmente é o que acontece...

Estas jovens focam as vidas aparentemente aborrecidas que os pais levam. Não estão, como os rapazes, preocupadas com as diferenças na escolaridade entre as gerações, mas concentram a atenção nos aspectos pessoais da vida dos pais, especialmente das mães, e tentam compreendê-los, ao mesmo tempo que são muito ambíguas em relação à ideia de acabarem por ter o mesmo tipo de vida. Tal como o grupo de estudantes, também abordaram o tema das viagens e da mobilidade. A perspectiva de ter uma vida “estabelecida” parece não ser desejável, pelo menos no momento.

O quarto grupo é constituído por cinco jovens com idades entre os 19 e os 22 anos, operários qualificados num estaleiro naval.

[F] Agora há muito mais a procura de um estatuto social e de dinheiro do que dantes. Pelo menos, acho que sim... Existe uma cultura diferente entre os jovens de agora do que nos anos 60/70, que foi quando eles eram jovens, não foi?

[A] ... Sim... eles eram *hippies!*

[Risos]

[D] Agora exigem mais dos jovens... nessa altura era mais fácil arranjar emprego... havia trabalho por todo o lado. Como o meu pai, ele tirou um ano depois da escolaridade obrigatória e foi directo para o trabalho, certo? Não é como agora, em que é preciso ter montes de estudos... Há mais gente agora... o mercado de trabalho



está saturado. Em algumas áreas, há empregos mais do que suficientes, mas noutras está-se abaixo do necessário.

(...) penso que o meu futuro vai ser o mesmo [que o dos pais]... pelo menos... penso que quando tiver 40 ou 50 terei uma casa, uma hipoteca...coisas várias, filhos e isso...

[A] É um pouco difícil antecipar o futuro, porque com toda a tecnologia e desenvolvimento... será tudo tão avançado... tudo será diferente.

(...) as pessoas vão trabalhar a partir de casa, ter computadores e...

Tal como os outros jovens em formação, também estes rapazes falam das diferenças que os separam da geração anterior em termos dos estudos necessários para obterem o mesmo tipo de emprego que os pais conseguiram, referindo igualmente as dificuldades de encontrar um espaço para viver. A origem social e o género parecem afectar a forma como o tema da idade adulta é discutido nos grupos. As noções de idade adulta surgem nas discussões sobre as diferenças entre gerações em termos de modos de vida e nos contrastes entre o que estes jovens pensam das próprias vidas quando forem adultos e as dos pais. As diferenças encontradas entre homens e mulheres, bem como em relação à origem social, são também evidentes no próximo tema a ser discutido, o de encontrar um emprego permanente.

### Noções de idade adulta: juventude, mobilidade, assentar na vida

O significado de idade adulta está culturalmente ligado a ideais de *independência* e *autonomia*, à capacidade de se sustentar economicamente e de iniciar relações donde advenham *responsabilidades* para com outras pessoas, incluindo *outras gerações*, como os próprios filhos. As discussões nas entrevistas de grupo acerca da melhor altura para ter filhos sugerem que as ideias dos intervenientes acerca desta questão estão fortemente relacionadas com a *estabilidade* numa união conjugal, bem como num emprego. A noção de estabilidade está assim ligada à capacidade de controlo e de previsão que parece não existir actualmente nalguns dos grupos, sendo até discutida de forma algo ambígua. Quando a imprevisibilidade faz parte da rotina do presente, acaba por se prolongar pelo horizonte do futuro (Nilsen, 1997b). Os termos “presente alargado”, de Nowotny (1993), e “presente perpétuo”, de Adam (1990 e 1995), são conceitos que captam a alteração da noção de tempo nas sociedades ocidentais e que parecem bastante relevantes ao nível do indivíduo. O problema de lidar com incertezas em relação ao emprego e a outras questões parece criar um futuro em que a família e o emprego permanente são ingredientes importantes, mas tão distantes no tempo que as ideias e os ideais abstractos se tornam mais importantes como modo de pensar do que um planeamento consciente e deliberado, baseado em experiências e situações de facto. Desta forma, a transição para a idade adulta pode ser adiada talvez indefinidamente.<sup>5</sup> Se estes jovens estão preparados para entrar numa fase da vida onde a estabilidade, previsibilidade e controlo são os principais ingredientes, ou se consideram desejável fazê-lo naquilo a que pode chamar-se presente alargado ou futuro imediato,

isso varia segundo as mesmas linhas referidas no ponto anterior. Contudo, a maioria pensa que um dia vai querer tudo isso, mas *para já não*, e as razões para este fenómeno são muitas. Frequentemente, falam em querer um número de outras coisas primeiro, como viajar e conhecer pessoas diferentes no estrangeiro. Andar *de um lado para o outro*, ou *em movimento* durante uns tempos é uma expressão que define o que surge associado ao momento presente, em que estão a receber formação, a estudar ou a trabalhar num emprego temporário. Excertos das entrevistas com o grupo de estudantes acerca da questão do emprego permanente ilustram isto mesmo.

[E] ...Estão a imaginar ter um emprego permanente um dia?

[Risos e hesitação]

[B] De preferência.

[F] Não necessariamente.

[D] Depende do que se considerar um emprego permanente.

[C] Mas eu gostaria de ter oportunidades para ... porque a razão por que estou a estudar é que quero ter oportunidades de escolha. Agora as pessoas ficam encurraladas, muitas pessoas que trabalham e têm trabalhado desde há 25 anos continuam nos mesmos empregos e começam a ficar encurraladas ... a chegar à altura em que ... quando se tem 50 anos ou isso e se tem ... o exame de admissão à universidade, ou mesmo nem isso, e não há ninguém que os aceite. Pelo menos não pelo mesmo dinheiro que estão a ganhar agora. Por isso tem-se a hipótese de... bem, arranjar um emprego noutra sítio. Mesmo que não se faça isso, é-se livre para o fazer. E sabemos que podemos. E têm-se mais... sim, escolhas.

[F] Se se pode escolher, então gostaria de poder mudar de emprego quando estivesse farta dele, mas nem sempre há ofertas a aparecerem na altura certa.

[D] Depende muito do trabalho que for. Quero dizer, se for muito rotineiro, então certamente seria bom mudar ao fim de 20 anos, mas se for um trabalho variado ... então muito provavelmente não teria essa necessidade.

[E] Mas daqui a dez anos... vão estar a trabalhar num emprego permanente ou temporário?

[F] Temporário.

[A] Não consigo imaginar.

[B] Acho que tenho de aceitar aquilo que vier. Acho que tenho de me dar por contente com qualquer que seja o trabalho que eu tenha daqui a dez anos.

[Risos]

A discussão aqui centra-se na tensão entre a questão da *segurança* e a possibilidade de fazer *escolhas*. Um trabalho permanente é, por um lado, considerado uma necessidade para um conjunto de coisas que desejam possuir a dada altura, no futuro. Por outro lado, a ideia de terem já um emprego fixo não lhes parece atraente. As razões por que estão na universidade relacionam-se com a ideia de

que numa fase posterior terão mais hipóteses de escolha no mercado de trabalho, de modo a não ficarem presos a uma situação e a um emprego que possa tornar-se rotineiro. Porém, quando se lhes pergunta se pensam que vão ter um emprego permanente daqui a dez anos, a ideia de pensarem a essa distância pareceu difícil. Quando algo é visto em termos de rotina, não é considerado atraente. Uma rotina relaciona-se com acções que são repetitivas no tempo, actividades que não são novas ou desafiadoras. Por isso, torna-se semelhante à ideia de *assentar na vida*, ou *acalmar*, como disse uma entrevistada, de *não ir a lado nenhum* nem literal nem metaforicamente. Quando as coisas se tornam rotina, uma pessoa fica presa como um rato numa roda giratória, continua-se a andar mas não se vai a lado nenhum, a vida torna-se *estática*. O que parece criar dilemas é a ideia de que mais cedo ou mais tarde surge na vida a necessidade de alguma forma de segurança e, nas entrelinhas, isto parece estar relacionado com a idade adulta. A noção de fazer *escolhas* encontra-se associada a liberdade, a poder ter *mobilidade*. Mesmo que ambos os aspectos sejam pensados em termos prospectivos como ideais relativamente a todo o trajecto de vida, a entrevista, na sua globalidade, sugere que estes estudantes pensam que a dada altura da vida se deixarão absorver por outras necessidade e obrigações que os farão ter diferentes prioridades.

Excertos de outras entrevistas revelam algumas variações na forma como os jovens abordam estes assuntos. As raparigas do curso de formação profissional discutiram a questão de forma semelhante à do grupo de estudantes, embora com ênfase diferente, dadas as carreiras profissionais que esperam ter no futuro.

[E] Como é que encaram a vossa situação de emprego no futuro? Querem ter um emprego permanente?

[C] Isso seria uma vantagem.

[E] Qual seria a vantagem?

[C] Bem, teríamos sempre qualquer coisa para fazer. Se se trabalha em *part-time* ocasionalmente, o que é que se faz no tempo de sobra, em que não se trabalha?

[A] Isso depende de se ter filhos e outras coisas.

[C] ... sim, mas é cedo para pensar nisso.

[M] Eu não quero um emprego agora... Claro que quero um emprego, mas não para já, dentro de um ou dois anos, e então ficar lá enquanto se trabalhar... até aos 60 ou 70... Entretanto quero dar umas voltas...

[C] Sim... mas se eu encontrasse um emprego de que eu realmente gostasse e que fosse interessante ficaria lá e tentaria mantê-lo.

[M] Sim, sim, claro, se gostasse muito e se pensasse que estaria bem mesmo que lá trabalhasse 15 anos, claro, mantinha esse emprego... mas então acho que pensaria que teria gostado de andar durante algum tempo a conhecer outras coisas. Não ficar no mesmo sítio todo o tempo.

[E] Pensam então num emprego permanente a longo prazo?

[M] Sim, bem, mas só se me puder movimentar entretanto, nos próximos anos. Na altura devida vou querer um. Mas não estou certa de o querer na Noruega ou no estrangeiro.

Elas também relacionam o emprego permanente com a ideia de segurança, mas expressam igualmente o desejo de *não assentar* ainda. Ter alguma “liberdade de movimentos”, como diz uma das entrevistadas, é um cenário mais desejável para depois de concluir os estudos. A conciliação do emprego com os filhos também foi mencionada, mas uma delas afastou logo a questão dizendo que ainda era cedo para isso. Em relação ao emprego, falou-se na hipótese de se encontrar um trabalho *interessante* logo após a conclusão dos estudos, podendo, nesse caso, pensar-se em lá ficar permanentemente. Que esse trabalho não seja aborrecido é, porém, uma condição importante para se considerar aceitar um contrato a longo prazo, nesta fase. Tal como no grupo das estudantes universitárias, a monotonia é associada à rotina e, a longo prazo, ter um contrato permanente pode conduzir a essa situação. As reflexões destas jovens são, assim, de certo modo semelhantes às das universitárias, mas sendo os estudos e as perspectivas de emprego muito diferentes, existem também algumas diferenças de opinião.

Os jovens do sexo masculino em cursos de formação profissional expressam uma atitude positiva relativamente a um emprego permanente. Assim sendo, praticamente todos estão dispostos a assumir responsabilidades no que respeita a um empréstimo para compra de habitação.

[E] Querem um trabalho temporário?

— Não, eu quero um emprego fixo.

— Eu prefiro um trabalho fixo.

— ... Porque se temos um emprego fixo, temos um rendimento fixo.

— ... Começo a assentar, e depois, se pedir um empréstimo, posso ter a certeza de o poder pagar e todas essas coisas.

[E] Quais são as hipóteses de conseguir um trabalho permanente?

— Depende de se ser competente ou não. Se se for competente, a empresa não deixa a pessoa sair.

— Fica-se um período à experiência e é um caso sério se for claro que não se está à altura do trabalho que se tem de fazer. Arriscar um ano ou ano e meio para formar alguém antes que valha a pena dar-lhe trabalho, antes de ele ser rentável, esse período à experiência é muito duro, tanto quanto sei.

Ao longo de toda a entrevista com este grupo de jovens, torna-se evidente que se mostram preocupados com a sua formação e as competências que estão a desenvolver. Distinguem-se do grupo de estudantes porque acham importante ter um emprego fixo imediatamente, de modo a obterem um rendimento regular. Não mencionaram especificamente a necessidade de se movimentarem de um lado para o outro, sendo nesse aspecto muito diferentes dos outros grupos. Porém, noutra momento da entrevista disseram que queriam a segurança do emprego fixo, mas desejavam sentir-se livres para quebrar o contrato, se alguma coisa mais interessante surgisse ou se se sentissem aborrecidos.

Com o grupo de jovens operários o tema do emprego permanente foi abordado de ângulos diferentes, pois já se encontram a trabalhar. A dada altura,

passou-se a discutir os planos para o futuro em termos de trabalho, uma vez que falaram na possibilidade de obter outra formação, mais estudos e outro emprego.

[F] Sabe, há muitos que estão fartos... É sempre a mesma coisa todos os dias...

[D] Quando se está aqui dez anos, já se sabe o que se espera alcançar nesta firma. Estive a falar com um colega, ele deseja mudar de emprego. Já está cá a trabalhar há dez anos... mas depende da facilidade com que arranjar agora outro emprego. Ele não tem propriamente muitos estudos. Por isso, depende. Mas ficamos... como o velho que trabalhou aqui 45 anos e já fazia parte da mobília. Não sei se ele quer mesmo reformar-se...

[E] E isso é porque o trabalho é muito duro ou porque é uma rotina?

[B] As duas coisas...

[A] É um trabalho manual muito duro. Muitos dos que se reformam têm ataques cardíacos nos três anos seguintes devido ao pó, e há muito pó e ruído aqui...

[B] Muitos ficam desgastados...

[A] É muito duro fisicamente...

Continuam a discussão até que a questão do trabalho permanente surge de novo:

[C] ...Um ordenado fixo... tem-se alguma coisa... é seguro.

[E] Talvez se tenha obrigações como uma hipoteca, ou isso, e então é melhor ter um trabalho fixo para fazer todos os dias, para poder acompanhar as obrigações económicas.

A partir das entrevistas com estes jovens operários, fica claro que existe um conflito entre, por um lado, a necessidade de um rendimento fixo, logo, de um contrato permanente, e, por outro, a perspectiva de um trabalho que é muito duro e exigente fisicamente, o qual, a longo prazo, será desgastante, para além de se tornar rotineiro. A discussão sobre a questão da estabilidade e da segurança revelou-se diferente neste grupo, comparativamente com os estudantes universitários e também com alguns dos outros dois grupos, e aquele com o qual mais se assemelha é o dos jovens do sexo masculino em cursos de formação. Porém, também tem diferenças, porque estes jovens não estão em formação, mas a fazer um trabalho que é fisicamente mais duro do que aquele perspectivado pelos formandos da área de tecnologia. A forma como abordam o tema da segurança é, contudo, semelhante. Ninguém nestes dois grupos masculinos mencionou o desejo de viajar muito antes de assentar na vida, embora a ideia de mudar de sítio para arranjar emprego não fosse rejeitada, se o novo local não fosse muito distante e pouco povoado. Na entrevista com os jovens operários, “assentar” é uma ideia que surge relacionada com constituir família, e foi algo remetido “para o futuro”. Um trabalho permanente é importante, qualquer que seja a fase da vida em que se encontrem, inclusivamente na situação presente enquanto jovens solteiros, mas é visto como uma condição absolutamente necessária para constituir família.

Deste modo, surgiram duas formas diferentes de abordar a questão “mobilidade *versus* assentar na vida”. Uma prende-se com a necessidade de mobilidade,

numa certa faixa do mercado de trabalho, para viajar e movimentar-se, no sentido literal. Os grupos que salientaram este aspecto não desejam empregos permanentes ou contratos a longo prazo nas suas situações actuais, mas prevêem a hipótese de o desejar mais tarde, numa fase da vida diferente em que tenham assumido responsabilidades de natureza mais permanente, tais como ter filhos ou contrair um empréstimo para comprar uma casa. De momento não desejam estas responsabilidades, porque ficariam presos a uma vida de “tédio e rotina”. Em suma, para já desejam ter liberdade e poder fazer escolhas. A dada altura na vida, porém, vêem-se numa situação em que as suas prioridades irão mudar, ou melhor, esperam que mudem, para não ficarem presos a uma situação em que, querendo ou não, já não podem optar.

A outra abordagem a este tema consiste em desejar segurança material, estabilidade e previsibilidade no momento presente. “Assentar na vida”, nesta perspectiva, quer dizer constituir família e adquirir casa, que não é algo que desejem agora. O emprego permanente, contudo, ou um contrato a longo prazo, é visto como um pré-requisito necessário qualquer que seja a fase da vida em que se está. Segundo este ponto de vista, a monotonia e a rotina também são de evitar, se bem que um trabalho que envolva rotina possa ser suportável, ainda que não desejável, durante parte da vida, mesmo nas presentes circunstâncias. A mobilidade no sentido de se poder viajar não foi salientada nestas opiniões, o que não significa que não seja importante. O contrário de assentar na vida não quer dizer andar a saltar de contrato em contrato, ou de um lado para o outro, mas sim em adiar para mais tarde as responsabilidades de ter família e casa.

As noções de idade adulta que foram surgindo são, assim, variadas, ainda que apresentem traços comuns. O denominador comum é que a idade adulta significa assumir responsabilidades sociais e financeiras a longo prazo, e por isso a estabilidade e previsibilidade é algo que se espera ser desejável numa altura do futuro ainda indefinida, a que podemos chamar idade adulta. Que relevância tem esta conclusão para a questão da individualização colocada no início deste artigo?

### **Notas conclusivas: individualização e mudanças na noção de idade adulta**

O único tema comum a todas as entrevistas nos grupos noruegueses é que a ideia de *se aborrecerem* e de *se verem* numa situação caracterizada como monótona é algo a ser evitado no presente. As situações e circunstâncias que são vistas como “aborrecidas” variam desde ficar em casa a tempo inteiro com os filhos pequenos a verem-se presos num emprego onde nada de novo acontece. Viver numa pequena localidade durante um período de tempo é também considerado muito monótono. Assim, resumindo, aborrecido é tudo aquilo que se torna numa *rotina*, e onde há um sentimento de aprisionamento, de não ir a lado nenhum, para uns no sentido literal, para outros mais no sentido metafórico.

O oposto de coisas “aborrecidas” são as coisas interessantes, excitantes, divertidas e desafiantes, e com frequência essas são as que pertencem à fase da

vida em que se encontram, a juventude. Conhecer novas pessoas, visitar outros países, encontrar trabalhos que podem ser abandonados logo que se “tornem aborrecidos” ou quando aparece algo mais sugestivo, fazer estudos interessantes e desafiantes mesmo que não conduzam a um trabalho bem remunerado, ter um emprego onde se aprendam novas coisas e se enfrentem novas situações, seguindo os próprios desejos e aspirações, são essas as coisas que não são “aborrecidas”.

Não ficou aqui referido que a maioria sente alguns constrangimentos em deixar a sua vida interligar-se com a de outra pessoa e que *as responsabilidades a longo prazo* advêm daí. A noção de *assentar na vida* é referida frequentemente quando se fala de constituir família e ter filhos. A tudo isto associa-se um emprego permanente, porque é necessário um rendimento fixo para fazer face a essas obrigações económicas, mas, mesmo para os grupos de jovens que já têm um trabalho fixo neste momento, a ideia de ter uma família no presente é bastante remota. Por isso, aquilo a que se referem como “o pacote completo” não faz parte do desejo presente de permanência no emprego. Isto indica que todos os jovens entrevistados relacionam a idade adulta com um estilo de vida *estático*, mas, devido a diferentes situações de vida no presente e diferentes escolaridades, conseguem distinguir o que são as necessidades da vida e em que áreas estão preparados para suportar o que é aborrecido, estático, rotineiro.

Subjacente a tudo isto está a noção de que o tédio e a idade adulta andam juntos, o que é evidente quando falam acerca da vida dos pais. Praticamente ninguém deseja o mesmo estilo de vida da geração anterior (os pais levam “vidas aborrecidas”), mas muitos receiam acabar por se verem numa situação semelhante. Os dilemas que surgiram resultam da ideia de que mais cedo ou mais tarde a idade adulta virá e com ela a perspectiva de aspectos aborrecidos, com os quais se terá de lidar de uma maneira ou de outra, como, por exemplo, um emprego permanente para pagar o empréstimo da casa e fazer frente às necessidades quotidianas da família.

Nas representações destes jovens existem, assim, ambiguidades acerca da noção de idade adulta. Todos entendem que acabarão por entrar numa fase de vida diferente daquela em que estão agora, mas os efeitos que julgam que isso terá nas suas vidas variam sobretudo de acordo com o tipo e nível de escolaridade, embora expressões como “assentar na vida” e “acalmar” sejam frequentemente usadas para descrever o género de vida que prevêem ter num dado momento futuro. O grupo menos influenciado por esta maneira de pensar é o dos estudantes universitários, pois são bastantes os que tendem a assumir a opção de se manterem abertos à mudança, qualquer que seja a fase do trajecto de vida.

Em teorias sobre a sociedade “pós-industrial” e “pós-moderna”, a ênfase é posta nas escolhas e decisões a nível individual que fazem da vida um “projecto planeado”, para parafrasear Beck-Gernsheim (1996), e também isto se relaciona com a flexibilização do mercado de trabalho, o tipo de fenómeno que faz da individualização uma compulsão (Beck, 1994). As velhas noções e padrões de idade adulta, e o conceito de juventude como uma preparação para a “vida real” enquanto adulto e indivíduo responsável, enraizam-se numa sociedade onde o chefe de família, do sexo masculino, tinha um contrato de trabalho permanente.

Esta sociedade pode ser, *grosso modo*, definida no tempo e no espaço: eram as sociedades industriais do mundo ocidental entre 1945-73 (Hobsbawm, 1995; Nilsen, 1997a). Assim, a ideia contemporânea de vida adulta baseia-se num contexto social particular com um conjunto de características que já não podem ser consideradas dados adquiridos. As *inseguranças* que esta mudança provocou na vida das pessoas são abordadas de modo diferente pelos vários grupos de entrevistados. Por um lado, uma vida “não acomodada” e com mobilidade, tal como a maioria dos jovens neste grupo etário tem neste momento, é considerada como desejável — embora ainda não queiram assentar —, por outro, têm a ideia de que acabarão por ter de o fazer, ou desejam mesmo fazê-lo mais tarde. Porém, a forma como lidam com as inseguranças relacionadas com a procura de um emprego fixo e de um parceiro (a) para a vida vai no sentido de se preocuparem o menos possível com isso por agora, e para manterem essas inseguranças à distância, as atitudes que adoptam estão cheias de ambiguidades. Receiam uma vida adulta estática e, no entanto, sabem que mais tarde vão desejar uma situação mais estável e segura. Receiam não ser capazes de arranjar emprego e assim poderem assumir responsabilidades sociais e económicas a longo prazo, pelo que agarrarem-se às velhas ideias sobre a idade adulta é simultaneamente um alívio e uma ameaça. Levar uma vida com mobilidade no sentido de passar livremente por vários empregos e parceiros parece atrair os jovens, poder optar é muito importante. Mas, se a segurança não estiver entre as escolhas possíveis, o que fazer?

As gerações nascidas desde o final dos anos 60 estão a entrar na fase do seu percurso biográfico associada à vida adulta numa idade muito diferente do que era o caso das gerações anteriores nascidas neste século. As suas noções de idade adulta baseiam-se nas vidas dos pais e dos avós. As suas atitudes em relação à vida adulta são ambíguas, mas o que vêm como quase inevitável, ao entrarem numa fase da vida em que as coisas “se acalmam”, é equacionado por referência ao modo de vida que lhes parece ser o da geração dos pais. Todavia, alguns sentem-se tão entusiasmados como receosos, com a suspeita de que a sua vida enquanto adultos irá ser bastante diferente.

A individualização, tal como Beck a vê, enfatiza o afrouxar dos laços do indivíduo com a família de origem e com a de orientação, bem como com o mercado de trabalho. De um certo ponto de vista, isto levaria a uma sociedade com indivíduos “em mobilidade” ao longo de todo o trajecto de vida, mudando de parceiro, de emprego, de lugar, mas se isto significa uma sociedade de milhões de *Peter Pans* é uma outra questão. O que é indicado por uma sociedade individualizada como esta é que, certamente, tanto as noções como as práticas da idade adulta se modificariam drasticamente em relação ao que tem sido visto como padrão deste século. Que tipos de idade adulta segundo o género podem daqui resultar é um assunto sobre o qual apenas se pode especular (Buchman, 1989; Beck, 1992; Beck-Gernsheim, 1996; Nilsen, 1997a).

Na análise sociológica contemporânea, o pressuposto de que a noção de “biografia normal” se está a modificar é praticamente um dado adquirido. A ideia de desenvolvimento da biografia-padrão liga-se a instituições na sociedade relacionadas com a idade, conduzindo deste modo à institucionalização das etapas



sequenciais da vida, mas os estádios do percurso desta e a respectiva sequência também estão relacionados com a maturidade física e social e com as competências.

A tese da individualização assenta em noções de idade adulta, de mudança no modo de viver o estado adulto. Se as fronteiras entre a idade adulta e a juventude não são nítidas, isso deve-se a razões de mobilidade no sentido mais lato do termo anteriormente discutido. Uma noção subjacente à individualização é a de *independência*. A vida em família é uma teia de relações intergeracionais, são vidas ligadas umas às outras de todas as maneiras, e deste modo muito poucos, ou nenhuns, são independentes. Nas entrevistas feitas aos jovens, o tema da independência é expresso através da noção de liberdade de escolha. Contudo, a maioria deles imagina uma altura em que a necessidade e o desejo de liberdade já não serão os aspectos mais importantes da vida, prevêem um género de vida diferente quando começarem um compromisso afectivo ou tiverem filhos. O estádio entendido como idade adulta está assim associado a uma existência em que as *necessidades* passam para a linha da frente das atenções, e a segurança se torna uma questão mais importante.

Ninguém fica “jovem para sempre”, por mais que a publicidade de cosméticos e a cirurgia plástica nos tentem persuadir do contrário, e se a “biografia-padrão” por razões institucionais passar a ser aquela em que se fazem continuamente escolhas e planos ao longo de toda a vida, esta assemelha-se àquilo que até ao momento tem sido considerado próprio da juventude. É claro que as pessoas têm sempre de tomar decisões, de uma forma ou de outra, mas a compulsão para o fazer, que Beck diz haver na sociedade contemporânea ocidental, é uma situação nova, se de facto existe.

Dos aspectos discutidos nas entrevistas torna-se evidente que a juventude é vista como uma etapa diferente da idade adulta, e as características a ela associadas são vistas como não necessariamente aplicáveis a uma fase posterior considerada diferente — a da idade adulta. A vida livre e independente, em que há a possibilidade de fazer escolhas e estar livre dos constrangimentos introduzidos pelas responsabilidades “adultas”, é considerada desejável no momento presente, porém a maioria tem de facto a noção de que esta situação não irá durar para sempre. A segurança na vida, quer económica quer social, é vista como algo para se procurar ter mais tarde. Embora a idade adulta possa neste sentido parecer aborrecida e previsível, estes jovens noruegueses consideram que uma certa dose de previsibilidade é necessária quando se assumem responsabilidades como ter filhos e constituir família. Uma sociedade individualizada fornecerá isto? E quais seriam as consequências se o desenvolvimento da sociedade estiver a caminhar na direcção apontada por Beck e por outros defensores desta teoria? Por variadas razões as pessoas precisam de sentir na vida alguma previsibilidade, pelo menos nalguns estádios desta. As crianças e os mais idosos, bem como outras pessoas, necessitam de cuidados, o que requer que a rede de relações que constitui as suas vidas seja até certo ponto estável e previsível. O tecido institucional da sociedade não está sujeito a leis da natureza, como a força da gravidade, são as pessoas que o fazem. Se um tipo de sociedade individualizada está em desenvolvimento no mundo ocidental e se o modelo de biografia-padrão se vai modificando na direcção

referida por estas teorias, pode ser que valha a pena ver que direcção é essa no que respeita às necessidades das pessoas em diferentes momentos da vida. Para além disso, há poucas provas de que a idade esteja a perder importância ou seja um critério menos válido no sentido institucional. Mesmo que o sistema educativo esteja aberto ao chamado "ensino ao longo da vida", os empregos disponíveis quando se tem um diploma de um novo curso variam consideravelmente para as pessoas de diferentes idades. Existe uma atitude generalizada na Noruega de que as pessoas com 50 anos que ficam desempregadas ou são excedentárias têm dificuldades em encontrar emprego, mesmo que tirem um curso diferente do que tinham inicialmente.<sup>6</sup> As escolhas são poucas nestes casos, e os constrangimentos são mais que evidentes. Quaisquer que sejam as medidas adoptadas a nível individual para abrir as oportunidades de escolha, os constrangimentos de natureza institucional restringem o leque de possibilidades. Neste sentido, a individualização tem mesmo que ver com o prolongamento da fase da juventude até um certo limite em que a idade e, por conseguinte, a fase do percurso biográfico se torne mais importante, e não menos, conforme a tese da individualização nalguns sentidos nos levaria a supor.

## Notas

- 1 A argumentação de Giddens (1994) acerca do desenvolvimento das "sociedades pós-tradicionais" é muito semelhante. Este autor defende que as escolhas e as decisões são noções-chave para a compreensão dos processos a nível individual em sociedades onde os laços tradicionais e a maneira de pensar já não têm a mesma relevância de outrora.
- 2 A migração entre diversos países e culturas adiciona uma variedade de formas de vida às experiências pessoais. Países como os escandinavos, que eram vistos como mais homogêneos do que as restantes nações europeias, têm um crescente número de habitantes originários não só do hemisfério ocidental como do resto do mundo. Aquilo que num sentido se pensa ser uma sociedade multicultural torna-se, assim, mais uma regra do que uma excepção.
- 3 A escolaridade obrigatória é entre os 6 e os 16 anos, mas as exigências do mercado de trabalho em relação a trabalhadores qualificados, bem como os exames necessários ao acesso ao ensino superior, tornam necessário que a maioria dos jovens passe pelo menos 14 anos no sistema educativo, antes de procurar um emprego que não seja em *part-time* ou temporário.
- 4 Os indivíduos não se encontram identificados por as vozes serem semelhantes, tornando-se indistinguíveis para o transcritor.
- 5 O próprio termo transição significa um processo que decorre com o passar do tempo. De certo modo, portanto, as transições para a idade adulta só podem ser estudadas "depois do facto consumado", em retrospectiva. As ideias sobre este assunto, porém, podem ser estudadas em termos prospectivos, conforme estamos a fazer neste estudo.
- 6 Isto pode discutir-se em relação à tendência demográfica geral das sociedades

européias ocidentais. Na maioria dos países a coorte etária nascida por volta de 1969 (+/- 5 anos), actualmente no final da casa dos 20, coincide com um elevado nível de desemprego. Para uma discussão sobre diferentes formas de incluir dados demográficos em sociologia, ver Krieken, 1997.

## Referências bibliográficas

- Adam, Barbara (1990), *Time and Social Theory*, Cambridge, Polity Press.
- Adam, Barbara (1995), *Timewatch. The Social Analysis of Time*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk Society. Towards a New Modernity*, Londres, Sage.
- Beck, Ulrich (1994), "The reinvention of politics: towards a theory of reflexive modernization", in Beck, Ulrich, Anthony Giddens e Scott Lash, *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, Cambridge, Polity Press.
- Beck, Ulrich e Elisabeth Beck-Gernsheim (1995), *The Normal Chaos of Love*, Cambridge, Polity Press.
- Beck-Gernsheim, Elisabeth (1996), "Life as a planning project", in Lash, Scott, Bronislaw Szerszynski e Brian Wynne (orgs.), *Risk, Environment and Modernity. Towards a New Ecology*, Londres, Sage.
- Brannen, Julia and Margareth O'Brien (1995), "Childhood and the sociological gaze, paradigms and paradoxes", *Sociology*, Vol. 29, 729-737.
- Buchman, Marlis (1989), *The Script of Life in Modern Society. Entry into Adulthood in a Changing World*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Cetina, Karin Knorr (1997), "Sociality with objects. Social relations in postsocial knowledge societies", *Theory, Culture & Society*, Vol. 14, n.º 4, 1-30.
- Giddens, Anthony (1991), *Modernity and Self-Identity. Self and Society in the Late Modern Age*, Cambridge, Polity Press.
- Giddens, Anthony (1994), "Living in a post-traditional society", in Beck, Ulrich, Anthony Giddens, e Scott Lash, *Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order*, Cambridge, Polity Press.
- Hobsbawm, Eric (1994), *Age of Extremes. The Short Twentieth Century*, Londres, Michael Joseph.
- Irwin, Sarah (1995), *Rights of Passage. Social Change and the Transition from Youth to Adulthood*, Londres, UCL Press.
- Krieken, Robert van (1997), "Sociology and the reproductive self: demographic transitions and modernity", *Sociology* Vol. 31, 445-471.
- Kumar, Krishan (1995), *From Post-Industrial to Post-Modern Society. New Theories of the Contemporary World*, Oxford, Blackwell.
- Mitterauer, Michael (1992), *A History of Youth*, Oxford, Blackwell.
- Nilsen, Ann (1997a), "Great expectations? Exploring men's biographies in late modernity", in Gronmo, Sigmund e Bjorn Henrichsen (orgs.), *Society, University and World Community*, Oslo, Scandinavian University Press.
- Nilsen, Ann (1997b), "Where is the future? Time and space as categories in the analysis of young people's images of the future", Comunicação apresentada à European Sociological Conference, Essex, Agosto de 1997.

Nowotny, Helga (1994), *Time. The Modern and Postmodern Experience*, Cambridge, Polity Press.

Stafseng, Ola (1996), *Den Historiske Konstruksjon av Moderne Ungdom (The Historical Construction of Modern Youth)*, Oslo, Cappelen Akademiske Forlag.